

Goldman Sachs já aposta no êxito da reforma fiscal

Banco estima que país pode atingir um superávit primário de cerca de 3% do PIB no ano que vem

Érica Fraga e Cristina Canas

● O banco Goldman Sachs está otimista com os rumos da economia brasileira. Segundo Paulo Leme, economista-chefe para a América Latina do banco americano, a reforma fiscal prometida pelo Governo é o remédio menos amargo que o país poderia receber. Se o Governo cumprir à risca o projeto de ajuste fiscal, o banco americano estima que o país terá um superávit primário consolidado de 3% do PIB em 1999. Já o déficit da balança comercial que será, segundo projeções da instituição, de R\$ 5,5 bilhões em 1998, poderá se transformar em superávit entre R\$ 2 bilhões e R\$ 3 bilhões no próximo ano. O déficit em transações correntes deverá se reduzir à metade, passando de 4% do PIB, este ano, para 2% em 1999. Paulo Leme fez uma análise positiva do Brasil para cinco mil investidores do banco ontem.

— O pronunciamento do presidente Fernando Henrique foi a declaração mais importante dele nos últimos dois anos. Outra boa notícia foi o discurso de Alan Greenspan, presidente do Fed, indicando uma redução dos juros nos Estados Unidos e nos demais países do G7 — disse Leme.

Em 1999, Brasil deverá ter retração de 1,5% a 2% do PIB

Não deveremos escapar de uma recessão no ano que vem. Segundo Leme, se o ajuste fiscal for feito, a economia deverá enfrentar uma retração na economia de 1,5% a 2% do PIB em 1999. Mas o economista ressalta que, se as mudanças da tributação não fossem feitas, esse número poderia ser bem pior, chegando a

4% ou 5% do PIB e, provavelmente, por um período de dois anos.

— Com o ajuste fiscal, a possibilidade de uma crise cambial e de uma crise na balança de pagamentos se reduzem — disse.

Paulo Leme lembra, no entanto, que, sozinho, o ajuste fiscal não será a panaceia para todos os problemas brasileiros. Segundo ele, o respaldo financeiro do FMI, do Banco Mundial e do Bid é muito importante. Uma linha de US\$ 25 bilhões a US\$ 30 bilhões seria suficiente, segundo o economista, para tranquilizar os investidores. De acordo com o ex-ministro da Fazenda Marcílio Marques Moreira, consultor da Merrill Lynch, o FMI está coordenando também acordos paralelos dos países emergentes com grandes bancos estrangeiros.

Para Standard & Poor's, ajuste fiscal é fundamental para o país

A Standard & Poor's, agência classificadora de risco, diz que as medidas adotadas até agora pelo Governo para combater a crise são insuficientes e de curto prazo. A agência alerta que apenas uma ajuda financeira externa não será suficiente para acalmar os investidores, que esperam saneamento das finanças públicas. O recado foi dado ontem, em São Paulo, pelo próprio presidente da agência, Leo C. O'Neill, e por sua analista-chefe de América Latina, Lacey Gallagher.

A Standard & Poor's inaugurou ontem seu primeiro escritório no Brasil. Segundo o presidente da S&P, a vinda da empresa para o Brasil mostra sua confiança no crescimento do país a longo prazo, que não foi abalada pelos acontecimentos mais recentes. ■